



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00992015CE



# Gaiato

Quinzenário • 21 de Março de 2015 • Ano LXXII • N.º 1853 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

### Pela vida

UMA chamada telefónica, de cidade distante, chegou. A interlocutora vinha pedir, por indicação da mãe de um dos nossos rapazes, para acolhermos um Rapaz que estima e conhece há vários anos, o qual vive só com o pai. Este, vai diariamente e necessariamente para o seu trabalho, enquanto o Rapaz fica a deambular por onde calha. A mãe abandonou-o pouco depois de nascer, e rejeitou-o, pois, dizia, tinha outros filhos.

A idade vai avançando e os perigos vão-se aproximando.

Antes de lá ir conhecê-lo e ao pai, no lugar onde vivem – onde já fomos noutras ocasiões e por motivos idênticos – dei a pensar comigo na sorte deste Rapaz: Se tivesse nascido uns anos mais tarde, talvez nunca tivesse visto a luz! Quantas mulheres, chamadas à maternidade, não chegaram a ser mães desde certa altura em que uma lei, aprovada no nosso Parlamento, deu uma solução fácil para quem encontrava na gravidez algum tipo de

problema? Problemas para quê? Dificuldades para quê? Tudo fácil. E depois?...

A vida do homem é cheia de lutas desde o seu começo. Sim, mas não pode haver vitória se não houver batalha, como diz o escritor sagrado. A necessidade da luta pela vida traz consigo outra: Ninguém poder estar nela sozinho. Na vida, todos somos co-responsáveis.

Tudo indica que este jovem, que vamos conhecer, teria feito parte da longa lista dos extintos e excluídos da vida, rubricada em todas as suas páginas pelos fatores de uma lei dita civilizada, que segue a par e passo com outras intrinsecamente primitivas, que condenam à inexistência crianças de outros países nascidas em castas ou em situações de rejeição social. Em todos os casos as suas vozes ficam mudas ou são emudecidas, e, culpavelmente, as da sociedade a que pertencem, também.

O nosso Rapaz, apesar do importante abandono a que se viu sujeito, tem a vida pela frente. Tem o pai, a amiga que nos ligou,



Eles têm a vida pela frente...

e ter-nos-á a nós e a todos os que estão connosco. Dificuldades não faltarão, mas a alegria de uma vida compensa e justifica todos os trabalhos e canseiras.

Deixo a mesa da escrita e vou à porta ver quem está. Do pensamento à acção não há desnível, nem pode haver. Uma mãe com seu bebé de meses vem com as receitas para o leite da criança. Não é a primeira vez que vem. Hoje o menino completa três meses. Está de parabéns. □

## MALANJE

Padre Rafael

A Quaresma em nossa Casa começou com ares natalícios, pois na Quarta-feira de Cinzas abandonaram um bebé de apenas três dias. Muitos se dedicarão a julgar este tipo de condutas. Nós, apenas nos perguntamos que causas levam uma mãe a desprender-se assim do seu filho e, sobretudo, como resolver estas situações. Por enquanto o bebé está na casa das Irmãs, que certamente têm regras quando a criança começa a chorar.

Estamos no primeiro Domingo da Quaresma e a verdade é que o nosso bebé se adaptou espectacularmente à nossa Casa, melhor dito às Irmãs. Na verdade, apenas chora quando é hora de beber seu biberão ou quando é necessário mudá-lo.

Segunda-feira levá-lo-emos ao MINARS, organismo do Governo que nos orientará sobre o futuro do Quaresma.

\* \* \*

A semana passada, um camponês disse-me que o quilo de arroz subiu de 1,20 euros para 2,10 euros e que o litro de azeite se vendia na praça a 3 euros. Segundo ele, é a baixa do preço do petróleo.

Na semana passada fomos atestar o depósito do nosso carro e demo-nos conta que o custo dos combustíveis aumentou quarenta cêntimos por litro. Pelo que dizem, é a baixa do preço do petróleo.

Na semana passada nos informaram que muitas obras públicas pararam porque o orçamento não chega para finalizá-las. Segundo dizem, é a baixa do preço do petróleo.

Na verdade, não deixo de me espantar porque quando vivia no meu País, a baixa do preço do petróleo supunha que tudo o mais era mais barato e aqui é ao contrário. Segundo informam é porque nós somos os vendedores de petróleo.

Finalmente começaram as aulas em todo o País. Pelas contas do Governo o ano lectivo começou a 2 de Fevereiro. Primeiro, no dia 4, celebrou-se o Dia da Independência. Depois, o Dia da Cidade de Malanje. Finalmente, o Carnaval, festa nacional. Em conclusão: o ano escolar começou a 19.

Despedimo-nos com a triste notícia de que o nosso Arcebispo Emérito Dom Luís Maria sofreu um enfarte cerebral, há já vários dias, e foi transferido para Luanda, graças ao apoio do governo de Malanje. Por agora, encontra-se numa clínica de cuidados intensivos. Dom Luís Maria, pouco depois de ser ordenado, foi enviado como missionário para estas terras de Angola e é este mesmo Povo, especialmente o malanjino, que reza pela sua recuperação. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

### Abandonados?

OS céus, sem o esperarmos, também se fecham como esta alvorada cinzenta, embora a vida não seja uma quaresma permanente. Há acontecimentos que nos parecem precipitar do cimo das colinas, onde os horizontes têm outro alcance.

O sangue na guelra da pequenada, a jogar ao vinte e cinco e aos *polícias e ladrões*, é um ruído esfusante numa atmosfera primaveril antecipada de vida a brotar. Nem sempre doentes nem ausentes, mas bem presentes, desde o nascer ao pôr do sol e com outras atenções até ao despertar, cada um em seu lugar com o essencial para cada dia. Há dores superficiais e mais fundas de pressões e situações que, sem a Graça, seria de baixar os braços a milhentos contratemplos.

De um estabelecimento prisio-

nal, segredaram presença e ajuda, por missiva em S.O.S.. Deu-se prioridade e, já com as celas fechadas, as portas abriram-se. O que se passou ficou lá dentro, em mais um frente a frente. Quão difícil é a vida atrás das grades e mais ainda se há desocupação. Evitar este descaminho é uma tarefa hercúlea na formação das consciências humanas e de prevenção social.

Da Beira Litoral para a Alta, no sentido da fronteira espanhola, com um alerta preocupante, tivemos de correr muitas léguas por via do desamparo de dois rapazitos, deixados ao *deus-dará*. O tribunal já despachou para um pai humilde que quer ajuda e faz o que pode, sem a mãe dos filhos. Até os pintainhos precisam de duas asas para se abrigarem.

Mal refeitos destas trapalhadas,

outro peso, e enorme, abateu-se com o acompanhamento dos meandros de uma patranha judicial para não cair no chão. Pessoa prudente e experiente descaiu-se assim: — *Dou-me muito mal com a ingratição...* E ficámo-nos por aqui, ponto final.

Entre tantos milhões de refugiados e emigrados pelo mundo fora, também de Portugal partem milhares (e formados) e outros chegam, também por motivos de saúde, alguns deles conhecemos, com papéis a tratar e a necessitar de cuidados essenciais. No serviço próprio e correcto: — *Depois, tratem do novo passaporte do rapaz.*

Uma situação de notório desequilíbrio enfermigo deixou-nos de mãos postas para o Alto, firmes e em acção de graças: *Não há Deus em toda a terra senão O que encarnou por nós!* Nessa hora, sentimos a força do Seu bafo.

Continua na página 3



# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**O MEDO E O PODER** — Vi, há dias, numa televisão uma entrevista com um fugitivo do Estado Islâmico que disse que quem aí tem mais poder é quem é mais sanguinário nos seus actos, ou seja, é um poder que repousa no medo. É muitas vezes é assim que o poder surge e se exerce, ou seja, muitas vezes o poder nasce do medo e é dominação. Isto não é assim só no Estado Islâmico. Muitas vezes também é assim nas empresas e noutras organizações onde trabalhamos. Também é, assim, infelizmente nalgumas famílias e noutras relações que deveriam ser baseadas essencialmente no amor. Até na vida das nossas Conferências às vezes há situações destas. Há pessoas que ajudamos e outras que queriam que as ajudássemos que às vezes recorrem à estratégia do medo para ver se conseguem alguma vantagem indevida. Dizem mal de nós. Procuram fazer chantagem. Tivemos casos deste género no passado e temo-los agora. Não podemos ceder ao medo e ir por aí.

O poder é preciso, mas não deve ser desse género. O poder deve nascer e basear-se na cooperação. É colaborando todos uns com os outros, fazendo aquilo que cada um puder e souber fazer melhor, que somos fortes. Não somos fortes divididos uns contra os outros, com uns a aproveitarem-se dos outros. Quem julga que é forte assim, só o é neste mundo e durante algum tempo.

Combater a pobreza passa por combater o poder como dominação e resistir contra a estratégia do medo e da chantagem em que este tipo de poder se baseia. Combater a pobreza passa por combater o poder como dominação porque a dominação é uns quererem ser mais ricos (em dinheiro, em posições dentro da empresa ou doutra organização em que se trabalha, etc.) à custa de fazerem outros mais pobres.

Combater a pobreza é promover uma outra forma de poder que é o poder de que fala o 1.º Mandamento da Lei de Deus: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a nós mesmos. □



### DOCTRINA

Pai Américo

#### Repreende, suplica, insta.

Das Epístolas de S. Paulo

**CONVIDARAM-ME**, em muito boa hora, a fazer uma palestra de quinze minutos na Emissora do Porto, ao povo do Norte, e eu disse que sim. Foi na tarde daquele dia a que muitos chamam santo por ser a festa do amantíssimo Coração de Jesus, o Qual tomou a palavra e quis falar por mim, com o que muitíssimo houve a lucrar da parte de quem ouviu.

Foi uma hora de alvoroço; a banalidade do discurso e da conferência cedeu lugar à palavra simples e quente, de sabor divino. A verdade transparece nua, majestosa, revolucionária.

Há tropel; tudo procura saber quem vem lá! É Jesus Nazareno que passa!

**A** I que se nós, os pregadores do Evangelho, fizessemos como dizemos e acreditássemos naquilo que ensinamos; se assim fosse, havíamos de fazer coisas mais prodigiosas do que o Mestre, que Ele assim nos prometeu!

O povo começa a afluir às instalações da Emissora; o telefone foi, três quartos de hora, o porta-voz de corações magoados; cada esmola é uma declaração de amor.

O tempo dos milagres ainda não terminou. As sobras das multiplicações do Evangelho enchem hoje cestos, precisamente como outrora, quando Jesus abençoa o pão! Foi assim no Porto.

**COM a Obra da Rua é na mesma: já se entra às escondidas na casa onde eu habito e vai-se colocar o envelope fechado sobre a mesa de trabalho. Pergunto quem foi. Ninguém deu fé!**

**Q**UE formidável não é o poder da Caridade! Como o nosso bom Deus sabe ir buscar o que há de mais reles para realizar no mundo as obras à Sua moda e serem d'Ele, unicamente d'Ele.

Senhor, que nem sequer a minha sombra embacie!

Do livro *Pão dos Pobres*. 3.º vol.

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

**POMAR** — No nosso pomar há um galinheiro, e aqui criamos patos, coelhos e galinhas. À volta temos algumas árvores de fruto: laranjeiras, ameixoeiras, figueiras, diospireiros, limoeiros e pessegueiros. As ameixoeiras estão agora todas a florir, ficando o pomar muito bonito. O Serafim andou a podar as árvores para que agora rebentem com força. A D. Amélia cuida das aves e nós ajudámo-la na limpeza do galinheiro.

**VISITAS** — Tivemos a visita das crianças da catequese da Paróquia das Antas do Porto, acompanhadas pelos seus catequistas, o seu Pároco e familiares. Quando chegaram, três dos nossos rapazes andaram a mostrar a nossa Aldeia e a falhar-lhes do nosso querido Pai Américo. Quiseram também levar o nosso livro de Banda Desenhada sobre a

vida e obra do Pai Américo. Depois do almoço as crianças andaram a procurar as respostas para um questionário que trouxeram. A seguir ao lanche, regressaram a suas casas de comboio. Agradecemos e gostamos muito da visita.

**CASAS** — O Sr. Faustino anda a arranjar a casa um. Ele está a envernizar as portas, janelas, armários e o chão, para que tudo fique bonito. Esta casa é para receber os nossos padres que vêm de África e para as nossas visitas que vêm ficar algum tempo connosco. Já estava a precisar mesmo de obras. Nas outras casas da nossa Aldeia, ele esteve a observar e a arranjar o que precisava de conservação.

**RAPAZES** — Um dos nossos Rapazes, o Vicente, esteve em Moçambique, e agora regressou a

nossa Casa. Vai trabalhar com os nossos tipógrafos e aprender algumas coisas novas. Todos os Rapazes têm a sua obrigação para cumprir. Deixar o seu trabalho bem feito e tudo bem arranjado. Assim temos orgulho em ver as coisas bem tratadas. Também o Filipe, que é um dos nossos Rapazes, já anda a trabalhar fora. Esperamos que tudo corra bem no seu trabalho.

**ÁRVORES** — Junto à nossa cabine havia uma árvore que estava muito inclinada, quase a cair. Chamamos um grupo de madeireiros que trouxeram um camião-grua, para poderem cortar a árvore sem causar problemas ou acidentes. Aproveitamos para podar outras árvores junto à casa um, e junto ao campo de futebol. Assim aproveitamos a madeira para fazer tábuas e para lenha para a nossa lareira. □

## LAR DO PORTO

Casal vicentino

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Aqui estamos, mais uma vez, para falarmos das reuniões da nossa Conferência Vicentina. Não são apenas reuniões de confraternização, mas, também, para tratar de assuntos correspondentes aos nossos pobres, para nos aproximarmos mais fielmente aos problemas existentes e vivermos mais de perto os mesmos.

A nossa Conferência tem por principal objectivo levar a Palavra do Evangelho aos nossos irmãos mais carenciados; portanto, é uma missão vicentina. Todos sentimos o compromisso de ajudar o próximo e darmos um pouco da nossa atenção a estes irmãos que, por vezes, se sentem desamparados; mas, para isso, temos que estar preparados para muitas adversidades, com que nos deparamos.

Todos os meses nos reunimos para trocarmos experiências, expormos os problemas que surjam e conseguirmos ultrapassar “todas” as situações — dando a melhor solução. Não tem sido fácil, uma vez que os pedidos de ajuda são imensos e não podemos ajudar a todos ao mesmo tempo, mas dentro das nossas possibilidades, e com a ajuda dos nossos Amigos, temos tentado cumprir.

As nossas reuniões são verdadeiramente familiares, porque além de sermos Vicentinos, também somos Gaiatos, não existe discurso, existe, sim, no início da

reunião, as Leituras para meditarmos sobre as mesmas e, de seguida, começamos a falar das visitas que efectuamos aos Pobres.

A franqueza e abertura do espírito para dar e receber, não-de ser sempre a nota dominante dos nossos encontros. Ao mesmo tempo pedimos ao Espírito Santo que abra os nossos corações para melhor cumprirmos a nossa missão de vicentinos, que estas reuniões se realizem em total espírito de caridade e não em críticas ao trabalho feito por um outro vicentino, que um seja mais inteligente que o outro, respeitamos o trabalho de cada um.

**O QUE NÓS RECEBEMOS** — Amiga Helena, de Lisboa, 800 euros. M.ª Odete, 20 euros. David Pereira, 20 euros. M.ª Inês, 50 euros. M.ª Luísa, 50 euros. M.ª José, 50 euros. M.ª Elisa, 20 euros. Emília Corte Real, 100 euros. Eng. Roberto Vaz, 50 euros. Anónimo, de Gaia, 500 euros. Amiga, de Fiães. A. A. D. G., o seu donativo com a seguinte frase: «Todos podemos estender a mão, não para pedir, mas para dar»; António Lopes, 40 euros. José M.ª Lima, 25 euros. José Albano, 50 euros.

Agradecemos a todos os vossos donativos e mensagens, que são estimulantes para conseguirmos prosseguir a nossa caminhada. □

## MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

**AGROPECUÁRIA** — Têm vindo alguns dias de Sol, o que permitiu concluir a sementeira da aveia (para palha), na terra do poço novo e no olival dos poços. Nos terrenos antes semeados, a maioria dos grãos deste cereal já germinou. Para melhorar esta cultura, foi comprado adubo (com azoto) e começou a ser espalhado nos campos. Têm-nos dado batatas, que muito agradecemos. Semeou-se um talhão delas, na nossa horta. Concluiu-se a poda das árvores de fruto e amarraram-se as videiras. As tangerineiras, do pomar de citrinos, deram muitos frutos que gostamos e fazem bem. Limpam-se muitas pedras na nossa terra do gaiato, próxima do portão antigo e das alminhas. Depois, foram levadas para o ribeiro que passa na nossa quinta, pois foi estrangulado a poente e tem arrastado terras e vegetação nossas. Continuámos a descarolar espigas do nosso milho grão. Temos mais outra ovelha no nosso rebanho e queremos mais. Os dois grandes porcos que criámos, acabaram por ser abatidos, mas com

difficultades. Precisamos de criar mais suínos. No nosso galinheiro, temos galinhas poedeiras. As sebes junto à rua Casa do Gaiato e Padre Horácio foram cortadas. Como havia cedros secos, vamos plantar uma sebe de láureos, de folha larga, para crescer e embelezar.

**OBRIGAÇÕES** — Como ajudante de cafezeiro e depois do pequeno almoço, as obrigações são feitas pelos Rapazes da casa-mãe, antes de irem para a escola do 1.º Ciclo, na Vila. As obrigações da tarde e da noite são destinadas aos Rapazes do 2.º e 3.º Ciclos e Secundário. Temos de aprender a fazer bem estas tarefas, colaborando na vida da nossa Casa.

**CENTRO DE ESTUDO** — Quando chegamos das escolas, vamos fazer os nossos trabalhos de casa, na nossa escola com os Professores Destacados. Às quartas feiras, depois vamos fazer outras tarefas agrárias e domésticas, evitando o

estudo à noite, pois há vários Rapazes pequenitos.

**DESPORTO** — Continuamos com os nossos treinos de futebol, aos Sábados, pelas 15 horas, no nosso campo grande. Precisamos de chuteiras usadas. No campo de ténis, nos recreios, a bola gira e salta sempre!

**VISITANTES** — A 22 de Fevereiro, Domingo, vieram visitar-nos e almoçar connosco amigos e amigas da Catequese da Paróquia de S. Martinho da Gândara (Oliveira de Azeméis), com o Sr. Padre Domingos. Foi um bom encontro de amizade e generoso. Bem hajam! De tarde, estiveram connosco jovens simpáticos de Semide. Vários amigos e amigas vêm-nos trazendo bens alimentares, que agradecemos. O filho do Sr. Dr. Campolargo, antigo Gaiato e amigo, trouxe-nos boas laranjas e belos quadros de Pai Américo, pois é um pintor interessante. Este gesto, pelo qual estamos gratos, sensibilizou-nos muito! □



## QUARESMA CONTRA A INDIFERENÇA

Padre João

COMO em todos os anos, também neste de 2015, o Papa Francisco propõe uma mensagem para nos ajudar a viver melhor a Quaresma e assim preparar a Páscoa do Senhor. O Papa, atento ao mundo e aos sinais que a sociedade emite na sua vivência globalizante, chama a atenção da Igreja para o perigo da indiferença, propondo mesmo uma caminhada quaresmal de conversão contra ela. Não há tempo litúrgico mais apropriado para encetar ou potenciar esta luta.

O Santo Padre aponta a escuta e a meditação da Palavra de Deus, neste tempo, como factos determinantes, comparando a História da Salvação como uma porta que se abre definitivamente, por Jesus,

entre: «Deus e o homem, entre o Céu e a terra...». Numa linha nitidamente missionária, o Papa, de forma sugestiva e muito bela, diz-nos: «a Igreja é como a mão que mantém aberta esta porta... pela proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos, do testemunho da Fé que se torna eficaz pelo amor». Assim é ou deveria ser: «se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros...». O Papa apelida esta atitude amorosa da Igreja como ruptura, rompimento, dessa espécie de «reclusão mortal em nós mesmos», a que chama indiferença.

O Papa aponta, mais adiante, que este é um tempo de nos «deixarmos servir por Cristo» através da Palavra e da Eucaristia.

E, acentuando o efeito místico e sacramental da Eucaristia, afirma: «nela tornamo-nos naquilo que recebemos — o corpo de Cristo». Seguidamente e de forma magistral: «Neste corpo, não encontra lugar a tal indiferença que, com tanta frequência, parece apoderar-se dos nossos corações; porque», continua incisivamente o Papa, «quem é de Cristo, pertence a um único corpo e, não olha com indiferença o outro».

Como não haveríamos de tomar a sério este pensamento do Papa ao constatarmos que também nós como «indivíduos temos a tentação da indiferença...»?

O Santo Padre, a certa altura, formula um belo voto, que bem se pode considerar como um iti-

nerário ao encontro da Páscoa de Jesus, tanto de modo pessoal como comunitário: «paróquias e... comunidades se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!».

Note-se bem o sentido das palavras do Papa a propósito da auto-suficiência e da «tentação diabólica que nos leva a crer que podemos salvar-nos e salvar o mundo sozinhos».

Quase a terminar a sua mensagem o Papa explicita, na esteira de Bento XVI, o que entende deva ser percebido por coração misericordioso:

«Ter um coração misericordi-

oso não significa ter um coração débil. Quem quer ser misericordioso precisa de um coração forte, firme, fechado ao tentador, mas aberto a Deus; um coração que se deixe impregnar pelo Espírito e levar pelos caminhos do amor que conduzem aos irmãos e irmãs...».

É claro que o Papa não se debruça sobre feitos nem temperamentos; sua perspectiva é espiritual e não caracterológica, embora saibamos que esta, por ser educacional, se pode tornar condicionante do apostolado, do melhor e mais belo serviço ao próximo. □

## VINDE VER!

Padre Quim

# O lume aceso da Família

A família é um baluarte seguro, em qualquer época e circunstância, no desenvolvimento saudável da Criança. É nela que os primeiros e pequenos passos são dados, na perspectiva duma socialização adequada. Aquilo que é vivenciado na infância, segundo a perspectiva de Freud e seus seguidores, é determinante para a construção e compreensão da personalidade do sujeito. «Somos uma Obra de sofrimentos íntimos que se não publicam», dizia, naquele tempo, Pai Américo, qual apaixonado discípulo de Cristo. O *Recoveiro dos Pobres*, que de tugúrio em tugúrio ia levantando os caídos na miséria. Aos doentes, aos presos! Quão grande é o testemunho que nos deixou na Obra da vivência, em si, das Bem-Aventuranças que o Mestre pregou no Sermão da Montanha.

O «Jamba» já goza do mesmo calor familiar à mesa, na companhia de cerca de 120 Rapazes que o acolhem. Os seus dois irmãos mais novos, tinham chegado a nossa Casa uma semana antes. Ninguém lhes roubou o gosto de serem filhos muito amados. São três irmãos. Vieram do Bokoio. Andavam por lá, perdidos com alguns parentes, mas espiritualmente abandonados. A nossa Obra é para Rapazes sem família. Este último, que veio aos treze anos, irá pela primeira vez à Escola para aprender as letras e os números, donde tudo o resto virá a cimentar-se para ser gente nesta terra. Depois virá a moral, os Mandamentos da Lei de Deus e, a seguir, os Sacramentos de iniciação cristã. Estes filhos do abandono têm todos o mesmo direito de ser como os outros filhos desta Nação. Estimados, amados e acolhidos con dignamente. É a família que se recompõe, quando se encontram os seus membros, passando a formar um único corpo. Os laços de sangue se aproximam e se

fortalecem, também a irmandade espiritual. Já temos tido vários grupos de irmãos de sangue, primos e sobrinhos. Como acontece lá nas casas de famílias menos numerosas. Lembro-me de um velho *slogan* estampado na capa de um manual que cheguei a utilizar quando estudei na quarta-classe, dizia assim: «*estudar é um dever revolucionário*». Neste caso, todo o progresso social será, antes, uma recuperação da dignidade da pessoa perdida no meio das grandes deficiências. Na situação do novo filho da nossa Casa, encontram-se milhares de crianças espalhadas pelas ruelas das cidades e do interior desta Pátria-Mãe.

Ao assistir ao desmoronamento de valores caros como a solidariedade e a justiça social como garantias da fraternidade entre os homens, é mais do que urgente o regresso ao Evangelho. Só a Luz divina que vem d'Ele pode irradiar a caridade no mundo. Só esse contágio será salutar para as relações humanas. A família tem de continuar a exercer a sua verdadeira vocação. Não há sociedades bem estruturadas sem que haja famílias como tal. Se esta falhar, será a derrocada da outra.

Chegaram as tecnologias de informação, que facilitam saber o que se passa em qualquer parte do mundo em pouco tempo, com ela vieram os desvios. Mais desafio para quem assume a missão de educador. O telemóvel, o computador, com as chamadas redes sociais, trouxeram para junto das famílias a abertura e a aproximação das próprias relações entre os seres humanos, mas, por outro lado, carregam consigo uma grande lacuna, em termos de ética e moralidade.

É a força do capitalismo e do consumismo frente à fraqueza da normativa. O nosso pobre e infeliz mundo não entende as Verdades eternas e não sei se algum dia as entenderá. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Depois, uma fractura de um braço na bola e um dedo entalado num veículo para a escola não chegam aos calcanhares daquela emergência.

Uma viúva, não a de Sarepta, mas estrangeira, com quatro filhos, deixou lágrimas amargas numa toalha da sala de jantar e com vergonha de dizer: — *Não temos comida*. Galgados para mais bocas de outras periferias, diante de uma mãe jovem, já com as papeladas em ordem e grata e a esgravatar, uma filhita sua agarrou-se à cabeça radiante! O pouco com Deus é muito. Restituamos aos famintos o pão nosso de cada dia, pois chega, e bem, para todos.

Subimos uma colina para voltar a outro casoto húmido, frio e escuro, com uma cozinheira exígua, onde comem e (não) estudam três miúdos. Com uma pequenita agarrada aos nossos joelhos, tal mãe disse mais uma vez: — *Temos de sair daqui e não sei para onde vamos*. Quando tem vaga para eles? É de ajudar sempre as famílias *in loco*; e o projecto de vida ideal dos filhos caídos, quando são acolhidos, será o seu regresso. Nem sempre é possível, por circunstâncias adversas. Ainda

não encontrámos, até ao momento em Portugal, qualquer parente de um doente cardíaco, de risco e dependente.

Foi por todos estes e mais outros que nos apresentámos agarrados às mesas do Altar e da Palavra, rasteirinhos, na comunidade cristã de S. José, em Coimbra, no terceiro Domingo da Quaresma, para falar dos pobres e ao povo, amiúde e sem nada pedir, mas com determinação e estes companheiros de jornada intensa: Bubacar, Fábio *pequeno*, Malam e Datchnhabá. Esse ambiente humano é uma família eclesial fiel e tão amiga, transbordante de carinho e partilha, que tem um cantinho no seu coração para estes filhos com o seu zeloso pastor. Pregámos Cristo Crucificado, o Seu Corpo Vivo, para que O encontremos e vejamos como o verdadeiro Templo e daí os feridos da vida.

É nessa circunstância e sem nada nem ninguém, totalmente dependentes d'Ele, que podemos olhar bem para a Sua face, mais transparente no madeiro que O acompanha desde a manjedoura. Na economia divina não há comércio falso. Os maiores valores são o dom da vida e a sua dádiva explicada para sempre ao mundo no abandono da Cruz. *Pai, pomos nas vossas mãos estes vossos filhos!* □

## SETÚBAL

Padre Acílio

# Fins-de-semana

AOS sábados e aos Domingos, as pessoas que ganham aqui o seu ordenado folgam.

Ora, há trabalhos que em Casa de gente pobre são obrigatórios todos os dias.

As famílias são forçadas a pôr a mesa, a fazer a comida, a lavar a loiça, a tratar dos doentes, a curar as feridas, e, se têm gado, pior ainda! Os animais não fazem jejum, precisam de comer e tratamento e... se há vacas leiteiras como é o nosso caso, é forçoso tirar-lhes o leite, duas vezes, nas vinte e quatro horas.

Nesta Casa, as tarefas estão organizadas e rodam. Todos os rapazes passam por elas ao longo da vida. Aprendem, assim, a fazer limpeza, fazer a comida, organizar de véspera, amparados pela senhora, que nunca tem feriados, nem férias, nem fins-de-semana.

A obrigação mais pesada é a da vacaria. Tirar o leite, é um trabalho que exige horas e muita atenção. Mugir cinquenta vacas, de manhã e à tarde, não é brincadeira, mesmo com máquinas computadorizadas.

O leite é o produto final de um esforço agrícola que envolve a terra, com as lavouras, gradagens, sementeiras, sachas, adubações, regas, colheitas e armazenamento. Se aparece qualquer anomalia na mugição — hoje tudo é detectado — o prejuízo é enorme. Não estamos em tempo de correr tal risco, pois o único dinheiro que entra em quantidade, é o do leite.

Há quatro equipas que, por mês, se rendem umas às outras, pois a obrigação da vacaria não consiste só em tirar o leite, mas também distribuir o alimento às pequenas crias — vitelas ou vitelos — que antes dos dois meses são sempre mais de uma dúzia, a beber leite.

A quantidade de leite para cada vitelo tem de ser certa e cuidada higienicamente, pois o intestino do novo animal é muito sensível, e uma diarreia enfraquece e pode mesmo matar o bichinho.

Os rapazes aprendem, intuem e executam estas pequenas variantes que são fundamentais.

A outra obrigação considerável e já referida é a cozinha.

Os rapazes têm de fazer, nos fins-de-semana, dois almoços e dois jantares, dado que o pequeno-almoço e a merenda quase nem pesam por serem leves e rotineiros.

A refeição principal do Domingo é sempre peculiar e os rapazes rivalizam com a qualidade, apresentação e sabor dos pratos. A batata frita na hora, e da nossa produção, mais o puré, acompanhados com bife dos nossos novilhos ou vacas, são trunfos dos mais trabalhadores e talentosos.

— *Quando está fulano na cozinha, já sabemos que a comida é melhor* — dizem os outros.

Todas as quinzenas há ainda a venda do Jornal, feita ao sábado, o dia todo, e ao Domingo, da parte da manhã.

A banda ensaia normalmente à quarta-feira, das 21 às 22 horas, e no sábado de manhã. Mas, as aulas de música preenchem o resto do tempo que sobra do ensaio até ao meio dia.

Na quinta há muitas vezes, conforme as estações, couves para plantar, grelos, ervilhas, favas e frutas para comer, e muitos outros afazeres!

Tudo é vida, e em toda ela eles se envolvem! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt

obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13



## BENGUELA

Padre Manuel António

## Generosidade...

CONTINUAMOS a viver o Tempo da Quaresma. Ao iniciar esta comunicação convosco, meus olhos poisaram nestas palavras: «Reparte o pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante». É uma mensagem simples e profunda que deve animar as nossas vidas, agora e sempre. Nos últimos dias, o coração da nossa Casa do Gaiato abriu as suas portas a um grupo de filhos pequeninos que viviam numa situação de abandono. Como temos dito, as situações deste género são muito abundantes, provocadas, sobretudo, pelo abandono dos pais. Quem dera houvesse, da parte da mãe o mínimo de preparação e capacidade económica, também, para que o destino destes filhos não fosse a miséria. Por isso, procuramos fazer tudo o que está ao nosso alcance, em benefício destas crianças. Logo que entram no mundo da sua nova família que é a Casa do Gaiato, a alegria enche as suas vidas. Há momentos encantadores, quando buscam um abraço e um beijo, como filhos muito queridos. Necessitam da vossa ajuda. Quem dera o vosso coração de pais e mães sintas estes filhos como porção muito querida das vossas vidas! Douro modo, a Casa do Gaiato não poderá salvá-los, sobretudo pela carência de meios económico-financeiros.

Queremos, pois, agradecer a generosidade dos corações, cheios de amor, que partilham com a nossa Casa do Gaiato de Benguela os bens de que podem dispor. Nesta hora, quero agradecer, dum modo especial, a generosidade da nossa querida amiga D. Maria Leonor, da Lello, de Luanda, que depositou cinco mil dólares na conta da Casa

do Gaiato. Que o Pai do Céu continue a abençoar os seus projectos e a encher a sua vida de felicidade. Este é, sem dúvida, o resultado da nossa comunhão de vida com os mais necessitados. Deste modo, continuamos a servir estes filhos e os mais pobres com muita confiança. Outras pessoas amigas, de coração aberto às grandes necessidades por que estamos a passar, prometem a sua ajuda. Assim, de mãos dadas e corações unidos, levamos para a frente o projecto maravilhoso, assumido pela Casa do Gaiato.

Estou a escrever no dia dedicado à Mulher Angolana. Quem dera este tesouro da sociedade angolana e de todas as sociedades ocupe, na vida social, o lugar que lhe pertence. Cabe-lhe uma missão sublime. Em primeiro lugar, ela mesma tem que reconhecer a sua dignidade. O homem, de igual modo, deve sentir o compromisso de respeitar a dignidade da mulher. Neste dia, a multidão de filhos goza a felicidade de ter uma mãe que os ama. Lembro, também, a multidão de filhos que não experimentam o amor da mãe. Por isso, esta data deve ser vivida com muita consciência das realidades que estão vitalmente ligadas ao coração da

mulher. Nesta hora, está muito viva a presença dos corações femininos que dedicam toda a sua vida ao serviço e amor daqueles filhos que perderam o amor dos pais. Quem dera que nunca faltassem estas vidas da mulher. As Casas do Gaiato que são as casas de família dos filhos sem família experimentam esta riqueza humana das senhoras que dão as suas vidas, unicamente por amor, para que tenham mãe.

Hoje, de manhã, tivemos a nossa reunião dos chefes. É um dos momentos muito importantes da nossa vida normal familiar. A mensagem inicial foi um convite a um exame de consciência muito sério sobre o modo como está a ser vivida a missão confiada a cada um. Os chefes são as colunas humanas da vida da nossa Casa do Gaiato. Se o edifício humano não está bem cuidado e seguro, em colunas saudáveis, corre o risco de fracassar. Daí, a importância destes momentos. Foi muito interessante a colaboração geral de todos os chefes. Houve necessidade de algumas mudanças propostas por eles e aceites. O acompanhamento de vários sectores da nossa vida é feito pelos chefes. Por exemplo, há responsáveis pelo acompanhamento dos rapazes nas escolas fora da Casa do Gaiato. Sabemos que o acompanhamento, no campo da educação é o segredo do êxito educativo. Vamos, pois, continuar a seguir o caminho que nos pede muito amor. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

A vida do Pobre, difícil em todos os tempos, neste que atravessamos atinge proporções de calamidade. Além de muitos lares desfeitos onde queimo as horas do dia, outros começam a desmorronar-se por causa de bens mal guardados ou mal distribuídos.

in *Pão dos Pobres*, 3.º vol., pp125-126

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

HOJE, primeiro Domingo da Quaresma, para facilitar a minha penitência e me inculcar melhor nela, dirigi-me ao forte da Bela Vista, visitar a mãe de família que há tempos se apresentou aqui, com receita de um psiquiatra, e a quem paguei somente as primeiras vias, comprometendo-me a ir a sua casa.

Alta, macilenta e desequilibrada, tinha-me desafiado: — *Quando vai ver a minha casa?!*

Contava ter cumprido a promessa no Sábado passado, mas o acompanhamento dos rapazes no estudo vespertino não me permitiu.

Hoje, após as despedidas da Missa e o aquecimento do estômago, com um leitinho quente e uma carcacinha, acompanhado pelo Zé Leitão, lá fomos vistoriar a casa da nossa amiga. É o E22, do Bloco 12, da Rua Francisco Fernandes.

O Zé, antigo gaiato, é viúvo, já tem os filhos todos arrumados. Vem sempre ao Domingo à nossa Missa e costuma partilhar também do nosso pequeno-almoço.

É um homem realizado. Todos os filhos conseguiram um grau universitário, à custa do sacrifício dos pais e da boa educação que lhes deram. Hoje está disponível para tudo e, com gosto, responde prontamente aos meus pedidos.

Uma companhia conforta-nos e transmite sempre mais força. Bem o sabia Aquele que mandou os discípulos dois a dois.

Discretamente, aparcamos o veículo e perguntamos onde era o Lote 12. Toda a gente me conhece!

— *Você é que é fulano?*

— *Bom dia!* —, disse sem demora, com medo que o ajuntamento se avolumasse. A nossa amiga Ana Paula estava a fazer o almoço com uma panela em cima do grelhador.

— *Oh mulher, a energia é mais cara que o gás!*

— *Mas eu não tenho gás. A garrafa está vazia e não tenho dinheiro nenhum para comprar nada. E eu não pago electricidade. Tenho um acordo com a EDP... como eram doentes, não pagamos.*

Será verdade? Se sim, bendita EDP que ajuda esta família tão pobre! Se não, os grandes da EDP ganham bem para suportar este encargo!

Fiquei de lhe levar duas mesas e duas cadeiras para o estudo dos filhos: cinco cadeiras de sala, duas mesas-de-cabeceira, um guarda-roupa e uma cama de casal, pois dorme no chão com o marido.

O filho mais velho, está no 12.º ano. É uma vitória para gente tão pobrezinha a viver num ambiente tão degradado!

Ao lado do E22, está o E21. Ao sentir a minha presença, a dona da casa pôs-se de plantão e quase me forçou com a sua insistência:

— *Entre aqui! Venha ver como vivo!*

Não resisti. Estava ao pé. Olhei, imaginariamente, para a sala onde arrecadamos a mobília e vi que era capaz ainda de ter alguma para aquela casa.

Com uma certa humidade, as casas estão bem desenhadas. São amplas e agradáveis, assim estivessem bem mobiladas e providas

de electrodomésticos! Esta tinha o almoço na mesa, despejado num prato largo. Era arroz. — *Com quê?* —, poderás perguntar-me. — *Com nada!* —, respondo-te eu. Era arroz com água e sal!

Mostrou-me os três quartos. Não tinham tacos. Só o cimento e as impressões da madeira no chão.

— *Dormimos aqui!* — Era um tapete estendido no cimento cru.

— *Arranjas quem lhe ponha a tijoleira no chão?* — Titubeou e, por fim, respondeu afirmativamente.

O Zé mediu a área dos quartos, e eu aponte: 30 metros quadrados de ladrilho cerâmico dão para revestir o piso dos quartos.

O almoço também estava na mesa, móvel, que decorara talvez uma sala de gente a viver bem. Agora estava ali desengonçada, abrangida de três cadeiras: uma de plástico, outra de tubo e outra de madeira.

— *Então, é o vosso almoço?* — Era também arroz.

— *É o que temos.* — E repentinamente abre-me o frigorífico.

— *Como vê!...* — Sim, estava completamente vazio.

Com esta visão fico a compreender melhor que, em primeiro lugar, está a comida e que a fome é uma sensação terrível, que só é bem conhecida por aqueles que a experimentam.

— *Comerzinho, sr. Prior, comerzinho!*

Trabalho abençoado é aquele que os rapazes e as senhoras fazem, escolhendo os alimentos que vêm do Jumbo, separando os bons para nosso gasto e dar aos pobres! — *O comerzinho!*

Fui ainda a uma terceira casa. Impressio-

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NO início do ano lectivo, há que arrumar muito da nossa vida, em Casa. São as matrículas nas Escolas dos que estudam fora, mais os seis deste ano pela primeira vez. Os livros, que o Estado não dá a partir da sétima, as mochilas, cadernos para todas as disciplinas e uniformes. Tudo preparado para o dia da abertura das aulas e para cento e cinquenta deles que estudam em Casa. Não fosse a ajuda preciosa da Tia Maria José, da Cíntia e do Raúl, voluntários que estão connosco, seriam dias, sem noite para descansar. Que alívio nos dão.

Uma vez arrumado, houve lugar e tempo para a eleição do Chefe e sub-chefe da Casa. Os que até agora mantinham todos na ordem e tudo no seu lugar para não parecermos uma organização desorganizada, vão estudar na cidade. Houve um período de tempo para pensarem nos elegíveis, Escolheram quatro: Carlos, Orlando, Zito e Moisés.

Na tarde deste sábado tudo se preparou para a eleição: os boletins de voto com a cara dos elegíveis, a lista dos eleitores, a mesa com a urna. Porque se há-de chamar urna nem eu percebo. Será para enterrar uns e deixar outros de fora? O lugar apropriado para o preenchimento, com observadores, que por verdade irónica foram até internacionais, uma portuguesa e um espanhol, que conferiram o nome dos eleitores e a totalidade do votos depositados.

Eleitores, os que tinham a quarta-classe. Mais de cem. Depois da introdução do voto na urna, cada um se retirava para as escadas da Capela. Após o que dentro desta, num acto solene como o local exige, foi desdobrado o voto e feita a contagem, pela Comissão Eleitoral constituída pelo Francisco e o Félix, chefe cessante.

Depois da oração da noite, viemos ao refeitório e foram aclamados eleitos: Chefe, o Carlos, e sub-chefe, o Zito e “as eleições livres, justas, democráticas e transparentes”. Os respectivos foram convidados a pronunciarem-se.

Aí começou a brincadeira. O Armindo e o Dimão, que até pareciam profissionais da Comunicação, armados de celulares e repórteres, tudo à maneira, fizeram as mais adequadas e dispartadas perguntas acerca do programa do governo da Casa. Repetidamente foi preciso pedir silêncio para se ouvirem as perguntas e as respostas, porque as gargalhadas dos ouvintes atroavam o refeitório.

Vale dizer que tudo foi filmado por Eugóglgio, um profissional e bem apetrechado fotógrafo que está de visita, com a incumbência de filmar tudo quanto tem sido cooperação da Fundação Moçambique-Sur connosco.

No próximo Domingo o Conselho Constitucional procederá à investidura. Ora bem, ora bem acrescentaria Pai Américo, tudo muito certo aqui em Casa, mas quanta astúcia, quanta malícia, quanta arte os nossos rapazes, malandros mesmo, meteram de princípio e de permeio para o imprevisível para nós dar certo. Certo?

É o que se verá logo que o Chefe eleito e o sub-chefe iniciem seus mandatos. Afinal, pretendíamos que aprendessem a votar em democracia e foram eles que nos ensinaram como é mesmo a democracia em Moçambique. □

nado por uma mulher com duas crianças ao colo; uma em cada braço!...

— *Venha à minha casa!*

Sinto-me nos passos do Mestre. É Ele que anda comigo. Está em mim, dando-me uma sensação transcendente indescritível, mas imensamente feliz!

Será esta a Alegria do Evangelho de que fala o Papa Francisco?

Ele, de certeza experimentou-a, e não se cansa de a pregar. Tanta gente o cita, sem perceber nada! Tanta!

Se andassem por estes lugares, não O mencionariam a torto e a direito.

Esta não tinha camas, nem para ela, nem para os filhos. Muito menos guarda-vestidos. Toda a roupa está empilhada num quarto e bem arrumadinha.

A nossa tarde acabou mal.

Tendo verificado que ninguém tinha gás para o fogão e esquentador, lembrei-me de lhes pagar as bilhas do gás.

— *Onde se vende o gás?*

— *É ali em cima.* — Era no princípio do bairro amarelo.

Fui com o Zé Leitão, de carro. Elas esperavam que as levasse! Mas... como?

— *Venham vindo!... Ajudem-se!*

Contava com quatro, mas apareceram cinco. Para me esconder, não saí do carro. O Zé pagou e veio ter comigo, pois faltava dinheiro para a quinta. Nisto, aparece uma mulher de carro e... por força... exigia que também lhe pagasse a dela. O Zé já estava comigo dentro do carro.

O que ele ouviu?!...

— *O senhor não pode vir para aqui sozinho.*

— *Sim Zé, nunca ando sozinho. O Senhor anda comigo!* □